



por Prof. Vitor Murtinho  
Universidade de Coimbra

## case study houses: um programa exemplar de habitação para a modernidade

Nunca como na atualidade, em Portugal, as questões candentes relacionadas com o desenvolvimento de soluções arquitetónicas com utilização de prefabricação estiveram tanto na ordem do dia. Apesar da atmosfera, por vezes pouco otimista, que percorre o setor, os aspetos relacionados com a implementação e oferta estruturada de modelos conceptuais bastante flexíveis e com incorporação de tecnologia inovadora têm sido, no contexto continental, um fértil campo de experimentação que felizmente tem conseguido projetar além-fronteiras a nossa capacidade de empreender e de fazer bem com inestimável qualidade.

Historicamente e em contexto internacional, no que concerne à implementação de modelos para hipotética construção em série, a situação que é considerada pela crítica como aquela que, apesar de ter tido pouco efeito prático e comercial, maior impacto teve na comunidade dos arquitetos foi, sem sombra de dúvida, o programa americano designado por *Case Study Houses* (CSH). Esta experiência centralizada em tipologias habitacionais, com particular ênfase na habitação unifamiliar, foi um designio empreendido por John Entenza enquanto editor da revista, sediada na Califórnia, que tinha o nome de *Arts & Architecture* (A&A) e constituiu uma das mais importantes contribuições arquitetónicas em meados do século XX.<sup>1</sup> Ainda antes do lançamento deste ambicioso programa de desenvolvimento e produção de habitação para uso em massa, John Entenza foi-se rodeando de um conjunto amplo de talentosos *designers* e arquitetos, que lhe permitiram, de modo sustentável, promover e patrocinar o desenvolvimento de soluções habitacionais a baixo custo, como por exemplo a casa Rose Harris (publicada no número de janeiro de 1943) do arquiteto Rudolph Schindler, e que de algum modo constituíram os precursores, em termos de orientação, daquilo que viria a ser o projeto *Case Study Houses*.<sup>2</sup> Apesar de esta habitação possuir uma estrutura predominantemente em madeira, quer pelo baixo preço de custo, quer pela natureza da arquitetura com preocupação evidente da utilização de luz natural e amplitude dos vãos, permite ser uma qualificada antecipação dos preceitos que viriam a ser enunciados, posteriormente, no ambicioso programa de Entenza. No entanto, e ainda como uma espécie de balão de ensaio para o programa das CSH, John Entenza, graduado em artes liberais, promoveu, em 1943, no contexto da mesma publicação, um concurso para o projeto de uma pequena habitação que se pretendia moderna e adaptada para uma família trabalhadora, tendo sido patrocinada por mais de duas dezenas de empresas de materiais de construção e designado como “Design for Postwar Living”. Das várias centenas de propostas, foram selecionadas três propostas imediatamente publicadas pela A&A: Oliver Lundquist e Eero Saarinen (1º prémio), I. M. Pei e E. H. Duhart (segundo prémio) e Raphael Soriano (3º prémio).<sup>3</sup> Posteriormente, em 1944, numa linha ainda de maximização da lógica industrial e numa vertente competitiva, é incentivada na A&A uma discussão ampla sobre prefabricação e que envolve Buckminster Fuller, Eero Saarinen, Herbert Matter e

<sup>1</sup> John Entenza publicou e editou esta revista entre 1938 e 1962. Neste último ano vendeu a revista a David Travers, que a manteve com publicação regular até setembro de 1967. Este *magazine* de arquitetura havia sido criado em 1929, apresentando o nome de *Californian Arts & Architecture* e tinha uma linha editorial mais virada para um *historicismo nostálgico*. Em 1938, a revista foi adquirida por John Entenza, que viu nela uma escapatória para disseminar o seu enérgico interesse por arquitetura. Por fim, em fevereiro de 1939, Entenza assume o papel crucial de editor, mudando gradualmente a direção da revista, culminando em 1944 com a supressão definitiva do paroquial prefixo “Californian” e fazendo da revista, agora *Arts & Architecture*, uma publicação periódica com uma aparência moderna, apelativa e de vanguarda. Ver Jackson, Neil, *The Modern Steel House*, Chapman & Hall, Londres, 1996, p. 43.

<sup>2</sup> Este tipo de programas não foi um exclusivo do continente americano. Por exemplo, na Europa, em 1927 havia sido desenvolvido o *Weissenhofsiedlung* em Estugarda e que consistiu numa grande mostra de arquitetura moderna promovida pela *Deutscher Werkbund* e que envolvia um conjunto de arquitetos, predominantemente germânicos, muito conhecidos e pretendendo promover conceitos de habitação mínima.

<sup>3</sup> Sobre os termos do concurso e as propostas consultar Barbara Goldstein (editado por), *Arts & Architecture – The Entenza Years*, The MIT Press, Cambridge, pp. 18-24 e p. 240.

Charles Eames, cujo corolário máximo constitui o número de julho desse mesmo ano, dedicado totalmente a esta temática. Esta questão, após uma rentabilização das capacidades de fabricação em série para efeitos bélicos, redireciona essa mesma potenciação para efeitos da produção em massa, verdadeiro desígnio e motor na prefabricação.<sup>4</sup>

No contexto dos continentes europeu e americano e decorrente do previsível final do conflito bélico mundial, surge um amplo debate sobre a “casa pós-guerra”. Obviamente que os anos do final da II Guerra Mundial e do período imediatamente a seguir foram amplamente frenéticos em termos de debate cultural, político, racial com segregação social mas também na arte e na música, a que acresceu um *boom* imobiliário motivado pelo regresso intempestivo de inúmeros soldados à sua terra natal; situação que também se verificou, não só na Europa, mas também, e com mais impacto, nos EUA. Imediatamente a seguir ao *terminus* deste conflito de repercussão mundial houve, nalguns contextos, um alto nível de idealismos e um contagiante otimismo em termos sociais, obviamente motivados por um desenvolvimento da ciência e, em particular, da construção e dos equipamentos ligados a este setor. Neste paradigma, as então recentes descobertas no que concerne à tecnologia e na sua concretização através do *design*, foram certamente fatores determinantes para a expectativa de que através destes se resolveriam muitos dos problemas da sociedade. Nesta atmosfera, existe claramente a convicção de que no âmbito do imobiliário, a convergência das várias artes e a sua correta integração no espaço arquitetónico constituía um caminho seguro e adequado à concretização deste desígnio. Mas, tal como ocorre com frequência, era importante suscitar movimentos e gerar energias, para que muitos destes preceitos passassem do mero propósito à materialização.

E, precisamente pretendendo oferecer soluções em contraponto a discursos demagógicos e a ações etéreas, é publicado em janeiro de 1945 na A&A o *Case Study House Program*, assumindo explicitamente, numa espécie de missão, o desenvolvimento de um ponto de vista e algum conhecimento organizado, que pretende concretizar-se em termos mais práticos e objetivos.<sup>5</sup>



↑  
Capa da revista Arts & Architecture, janeiro de 1945, onde consta o anúncio do programa Case Study Houses

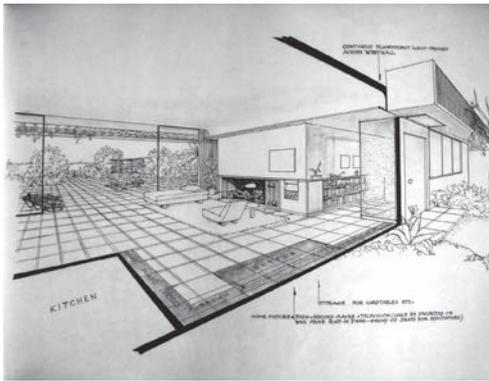
<sup>4</sup> Ver *idem*, pp. 32 a 45.

<sup>5</sup> Cf. “The Case study program Announcement” in *Arts & Architecture*, January 1945, p. 37 e sgg.

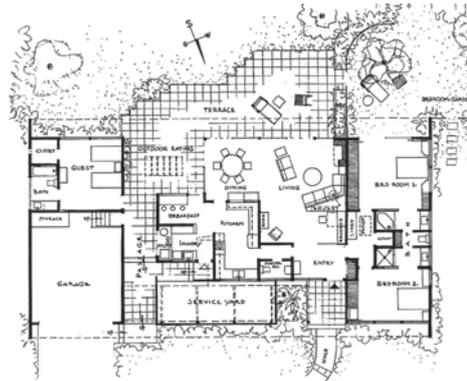
Nesse estrito âmbito, o anúncio, com o propósito de obter resultados, propõe o começo imediato do estudo, projeto e construção de oito casas que visam satisfazer e resolver, cada uma, um problema habitacional específico da Califórnia do Sul. Para esse efeito, é anunciada a seleção de oito arquitetos, escolhidos criteriosamente, não somente pelo seu talento mas também pela sua capacidade de criarem boas condições de habitabilidade espacial para outras tantas famílias. Conceptualmente, o programa permitia a utilização de materiais, antigos ou novos, numa base meritória em termos do esforço metucioso de criação de unidades contemporâneas de domicílio. O programa para cada casa era definido tendo em linha de conta as necessidades de cada família, e devia ainda ter preocupações evidentes com o local, quer em termos de vizinhanças, quer em termos de implantação. No entanto, e provavelmente muito importante, era definido um valor de investimento para cada um dos projetos, obrigando o arquiteto a, tanto quanto possível, respeitar esse *budget*. No desenvolvimento das soluções, será a revista A&A que se colocará no papel de cliente, sendo uma premissa fundamental a capacidade de duplicação do projeto e, cumulativamente, constituir uma realização individual. Como divulgação, cada obra, depois de mobilada segundo instruções do arquiteto, do *designer* e da fábrica de mobiliário, deveria ter a possibilidade de ser visitável durante um período inicial de um a dois meses.

No entanto, na altura do anúncio, aparentando contrariar de algum modo os princípios exarados quanto ao número de arquitetos convidados, na breve apresentação/biografia dos projetistas escolhidos somente constam sete indivíduos (os que até ao momento tinham explicitamente aceite o convite de participação). Mais tarde o grupo fica consignado aos seguintes arquitetos, ou dupla de arquitetos, perfazendo então um total de onze profissionais, a saber: 1- Julius Ralph Davidson, 2- Sumner Spaulding e John Rex, 3- Richard Neutra, 4- Eero Saarinen e Charles Eames, 5- William Wilson Wurster e Theodor Bernardini, 6- Ralph Rapson, 7- Whitney Smith e 8- Thornton Abell. No entanto, a qualidade do naipe de arquitetos apresentado inicialmente constituía uma enorme valia e, de algum modo, seria um suporte para que as habitações, apresentando um aspeto moderno, com incorporação das tecnologias mais recentes, proporcionassem desse modo uma enorme qualidade de vida aos seus habitantes.

Este ambicioso projeto, que conseguiu mobilizar muitos dos mais importantes arquitetos americanos de pelo menos uma geração, correspondeu a um total de 36 propostas, desenvolvidas intermitentemente desde o ano da criação do programa até 1966, um ano antes de a revista fechar portas e já sob a égide de David Travers.



↑  
**Case Study House number 1,**  
perspetiva da sala do projeto  
original da autoria de J. R. Davidson.



↑  
**Case Study House number 1,**  
10152 Toluca Lake Avenue, North Hollywood, planta da  
segunda proposta da autoria de J. R. Davidson



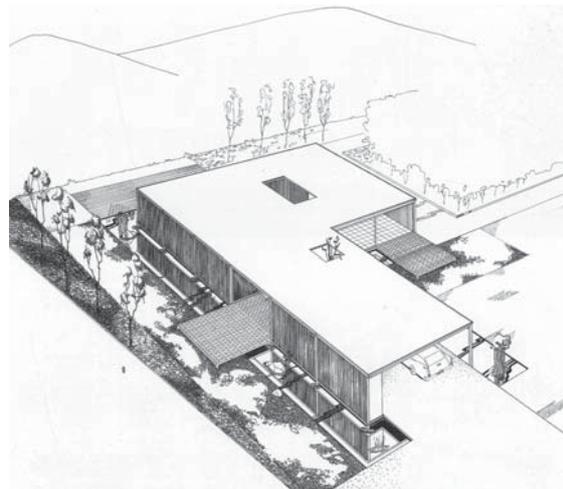
↑  
**Foto da Case Study House number 8 (1945-49),**  
203 Chautauqua Boulevard, Pacific Palisades,  
da autoria de Charles e Ray Eames,

A maioria das casas construídas está localizada em *Los Angeles* e foi um veículo importante para sublimar um novo estilo de arquitetura, constituindo-se como ícones, e contribuir decisivamente para celebrar o fotógrafo Julius Shulman. Ironicamente, apesar de se pretender que este programa habitacional funcionasse como protótipos replicáveis, segundo se sabe, tal não aconteceu, correspondendo cada uma das propostas, de inegável qualidade, a praticamente um exemplar único.

O primeiro projeto para uma CSH foi publicado na revista *A&A* em fevereiro de 1945 e era da autoria de J. R. Davidson (CSH#1)<sup>6</sup>. Esta versão não chegou a ser construída, verificando-se que, quando em 1948 se optou por um local diferente do previamente definido, foram implementadas grandes alterações ao projeto. Inicialmente, o projeto tinha dois pisos e estava concebido numa lógica de maximização e eficiência espacial, encontrando-se preparado para ter alguma flexibilidade em termos de utilização no futuro. A versão construída, em Toluca Lake Avenue em Nort Hollywood, destinada a um casal de meia-idade e ambos com carreiras ativas que os mantinham fora de casa, foi uma habitação ainda mais compacta do que a original, com um único piso, muita luz

natural, de fácil limpeza e manutenção.<sup>7</sup> Nos trinta e seis projetos deste ambicioso programa existem repetições de arquitetos – sendo J. R. Davidson um dos casos – mas este processo serviu para uma ampla divulgação dos preceitos da arquitetura moderna, constituindo um inspirador manancial para toda uma geração de arquitetos desse tempo, estendendo-se até à contemporaneidade. No contexto português, Eduardo Souto Moura é um dos arquitetos que mais evidenciam, em muitas das suas

↓  
**Axonometria da Case Study House number 21 (1951),**  
9038 Wonderland Park Avenue, West Hollywood,  
da autoria de Pierre Koenig



<sup>6</sup> Para além da CSH#1, J. R. Davidson foi o autor da CSH#11 e da CSH#15.

<sup>7</sup> Ver *Arts & Architecture*, particularmente os números de fevereiro de 1945 e fevereiro de 1948 para o caso da CSH#1. Cf. Smith, Elizabeth, *Case Study Houses, The Complete CSH Program 1945-1966*, Taschen, Köln, 2002, pp. 18-31.

habitações, para além das óbvias influências de Mies van der Rohe, uma enorme inspiração nas CSH californianas.

Dos arquitetos, envolvidos desde o início com o programa das CSH e que obtiveram reputação internacional, destacam-se Richard Neutra (CSH#6, CSH#13 CSH#20 e CSH#21), Charles e Ray Eames (CSH#8) e Eero Saarinen (CSH#9)<sup>8</sup>. Para além destes e tendo integrado o programa ainda muito jovens, mas vindo posteriormente a ter fama no panorama internacional, destacam-se Craig Ellwood (CSH#16, CSH#17 e CSH#18) e Pierre Koenig (CSH#21 e CSH#22)<sup>9</sup>; mas também são dignas de referência personalidades como Archibald Quincy Jones (CSH#24) ou Raphael Soriano (CSH 1950).

No desenvolvimento de muitos destes projetos é recorrente a utilização de sistemas modulares e com regulação dos dimensionamentos, fazendo antever as aprendizagens feitas com a casa japonesa. Uma constante dos projetos é a maximização funcional do espaço interior e uma enorme preocupação com a arquitetura da paisagem envolvente ao edifício. As CSH inauguram, de algum modo, as tipologias pequenas como habitações mínimas compostas por dois quartos e sem espaço específico para empregada doméstica. De certa maneira, este conceito é uma espécie de arauto do habitar dos tempos modernos.



↑  
**Foto da Case Study House number 21 (1951),** 9038 Wonderland Park Avenue, West Hollywood, da autoria de Pierre Koenig



↑  
**Foto da estrutura da Case Study House number 21 (1951),** 9038 Wonderland Park Avenue, West Hollywood, da autoria de Pierre Koenig

Entenza possuía uma sensibilidade natural quanto à forma arquitetónica, o que possibilitou o convite a um conjunto de artistas talentosos que, através dele e das CSH, funcionou como uma ponte exemplar entre conceção e concretização. O sucesso da iniciativa fez com que a

<sup>8</sup> A Case Study House number 9 foi desenvolvida em parceria com Charles Eames.

<sup>9</sup> Especificamente as CSH#21 (Bailey House) e CSH#22 (Stahl House) de Pierre Koenig foram concluídas, respetivamente em 1959 e 1960 (ver Steele, James and Jenkins, David, *Pierre Koenig*, Phaidon Press, Londres, 1998, p. 8).

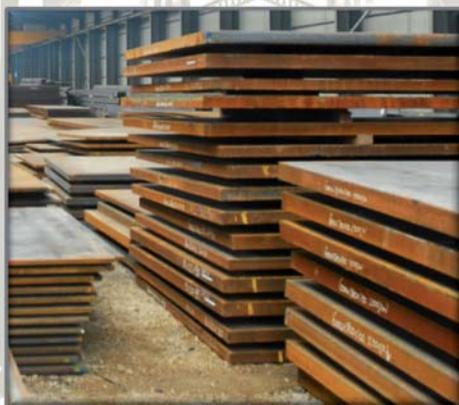


Mais do que um armazenista de ferro,  
somos o seu parceiro de negócios.



Cantoneiras

Barras



Chapas

Bobines

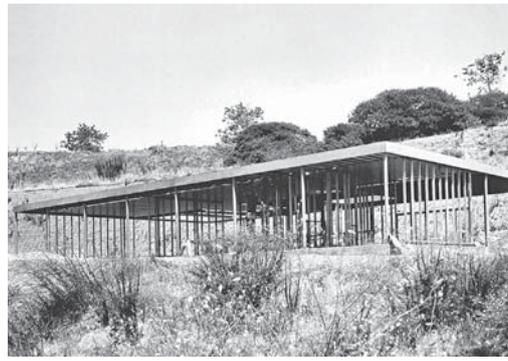


Vigas

Tubos



**Foto da Case Study House number 1950,**  
1080 Ravoli Drive, Pacific Palisades,  
da autoria de Raphael Soriano



**Foto da estrutura da Case Study House number 1950,**  
1080 Ravoli Drive, Pacific Palisades,  
da autoria de Raphael Soriano

primeira dúzia de casas tenha tido mais de meio milhão de visitantes e não contando com qualquer apoio governamental, o programa tenha sido subsidiado com o produto das vendas de cada casa que, no contexto específico, contava por vezes com descontos e ofertas pontuais de produtos expostos ou incorporados na construção.<sup>10</sup> Outra alternativa era o arquiteto apresentar um cliente concreto e com isso viabilizar a introdução da sua proposta no âmbito do programa das CSH.

A popularidade das propostas devia-se, sobretudo, a questões que tinham a ver com o ambiente criado, designadamente a organização e decoração do espaço interior, mas também ao espaço de arranjo dos jardins, que sendo um produto criativo de jovens arquitetos paisagistas, surpreendiam com o arrojo, quando comparado com os espaços habituais de canteiros e compartimentações estanques tradicionais. Mas, se houver alguma coisa que verdadeiramente seja distintiva das CSH relativamente à restante oferta habitacional e que constitui a sua imagem de marca é exatamente a estrutura destes edifícios. Se os objetos do quotidiano tinham neste contexto uma enorme importância, designadamente loiça, talheres, candeeiros, têxteis e outros elementos, como também novos revestimentos ou, ainda, o eletrodoméstico de eleição, o frigorífico, ou então os aparelhos de ventilação e ar condicionado, é óbvio que a componente estrutural era considerada uma especificidade com particular destaque. Na realidade, com o desenvolvimento do programa quase que se foi implementando um conceito generalizado que faz a associação entre as CSH e as habitações com estrutura em aço.

<sup>10</sup> Nos três primeiros anos do programa, foram totalmente construídas e mobiladas seis casas, tendo sido visitadas, segundo números oficiais por 368.554 pessoas. Em 1950 o programa já tinha treze casas completadas, sete projetos apresentados e pretendia passar a desenvolver-se a um ritmo de uma média de uma casa por ano. Ver Mc Coy, Esther, *Case Study Houses 1945-1962*, Hennessey + Ingalls, Santa Monica, 1977, pp. 3- 4 e 10.

<sup>11</sup> *Architectural Design*, number 9, September of 1966.

O programa CSH teve um impacto tão grande no contexto da arquitetura americana que contou com a participação empenhada de um conjunto de arquitetos tão famoso como promotor. Não obstante, este programa também possibilitou a afirmação de outros autores que, não estando particularmente talhados para o exercício desta arte, viram na produção de uma destas habitações um palco *sui generis* para a sua sublimação enquanto produtores de espaço. Neste último naipe, temos o casal Charles e Ray Eames que, tendo-se distinguido no campo da produção do mobiliário, haveria de construir, numa colina com vista para o Pacífico, uma peculiar habitação que, estruturada em peças de aço prefabricadas com vocação mais industrial, constituiriam um indelével exemplo da arquitetura moderna. No caso desta dupla, o sucesso da sua habitação foi tão grande que a revista inglesa *Architectural Design*<sup>11</sup> dedicou-lhes um número monográfico e, com isso, influenciou decididamente uma geração de arquitetos europeus a fazer impulsivamente a travessia do Atlântico e a visitar este objeto arquitetónico.



**Foto da Case Study House number 16 (1952-53),**  
1811 Bel Air Road, Bel Air, da autoria de Craig Ellwood



**Foto do quarto da Case Study House number 16 (1952-53),**  
1811 Bel Air Road, Bel Air, da autoria de Craig Ellwood

Especificamente, esta casa não corresponde tipicamente ao enunciado do programa ou foi concebida para albergar uma família. No entanto, pela forma como espacialmente se concretizou, está formatada para um uso informal e despreocupado e pouco apta para um uso intensivo segundo os padrões previamente definidos.<sup>12</sup>

As habitações mais conhecidas deste programa foram, inquestionavelmente, aquelas cuja estrutura era em aço, com amplitude de envidraçados, que idealmente melhor encarnavam este espírito de aplicação de sistemas de construção industriais. Entre estes casos, para além do caso já referido da casa Eames, destacam-se Craig Ellwood, Pierre Koenig ou Raphael Soriano. Pela sua modularidade, pela utilização de elementos *standard*, pela sua facilidade e tempo de construção, os casos referidos foram considerados protótipos aptos para a produção em massa.<sup>13</sup>

Na verdade, o programa CSH tinha na sua génese uma componente fortemente social, já que apresentava como horizonte a implementação de habitações a baixo preço. No entanto, no contexto americano e sempre que se falava em construção rápida, o termo arquitetura, por si só, era uma palavra demasiado longa e complexa. Na maior parte dos casos, o recurso a arquiteto significava o cliente estar preparado para um processo bastante interativo, mas demasiado longo. Aquilo que este processo tenta implementar é a alteração deste preconceito pois, quer

os sistemas construtivos adotados, quer as soluções propostas, eram fácil e rapidamente exequíveis.

Atestando a importância que este movimento teve em termos dos EUA estão os doze prémios do American Institute of Architects (A.I.A.)<sup>14</sup>, atribuídos a habitações desenvolvidas no âmbito do programa CSH.

Todavia, quando devido a vários fatores, a que não foi alheia a especulação dos solos em termos de mercado imobiliário, estas casas se tornaram em verdadeiros luxos, estava assinada, decididamente, a sentença de morte deste ímpar programa.<sup>15</sup> ■

- <sup>12</sup> Esta habitação, como algumas outras do programa CSH, merecem uma abordagem específica e detalhada, tal é a sua importância para a História da Arquitetura, designadamente a mais qualificada e que tem subjacente a utilização intensiva de soluções em aço.
- <sup>13</sup> Smith, Elizabeth, *Case Study Houses, The Complete CSH Program 1945-1966*, Taschen, Köln, 2002, p. 8.
- <sup>14</sup> Associação equivalente à *Ordem dos Arquitetos Portugueses* só que no contexto dos EUA. Paralelamente à atribuição destes prémios, cumulativamente, John Entenza foi agraciado com o título de Membro Honorário da A.I.A. em 1960, atestando-se assim a importância desta iniciativa.
- <sup>15</sup> Ver Mc Coy, Esther, *Case Study Houses 1945-1962*, Hennessey + Ingalls, Santa Monica, 1977, p. 5 e 9.

**Martins da Cruz & Cruz, S.A.**  
**Metalomecânica**

tel. 253 834 680      www.mccruz.com

ESTRUTURAS METÁLICAS    PAVILHÕES INDUSTRIAIS    ARMAZÉNS COMERCIAIS    EDIFÍCIOS PÚBLICOS    HABITAÇÕES